

Echos de Guimarães

SEMÁNARIO MONÁRCHICO

Propriedade da Empreza

DOS
«Echos de Guimarães»

Director e Editor, ANTONIO DE CARVALHO CYRNE

Collaboradores effectivos, P. A. e PEDRO C.

Administrador, ANTONIO DANTAS

Redacção e Administração—Rua de Paio Galvão, 70

Officinas de composição e impressão

Typographia Minerva Vimaranesse

68, Rua de Paio Galvão, 72

GUIMARÃES

SIDONIO PAES

Consummou-se a infamia!

Aquelles que juraram fazer pagar caro ao Homem illustre e benemerito, que por um anno esteve á frente do governo da Nação, a audacia, para elles inconcebível, de os privar durante esse tempo, do goso das vantagens do mando, cumpriram a sua sinistra determinação.

Sicarios infamissimos, hypnotisados por outros ainda mais infames, offereceram em holocausto á deusa vingança o varão virtuoso e illustre, o austero Magistrado e grande patriota, admirado e respeitado mesmo por aquelles que viam a causa que defendiam, e defendem, prejudicada pelo prestigio que o cercava.

Não ignoravam elles, os bandidos, que tinham mil provabilidades contra uma de soffrerem a mesma sorte, de serem por sua vez victimas da justa vindicta do povo; mas nada os deteve na observancia da sua sinistra missão, no cumprimento da ordem implacavel que receberam e que era, no seu brio de facinoras, obrigação indeclinavel cumprir.

Irmãos gemeos dos algozes do melhor dos Reis e do mais esperançoso dos Principes, filhos igualmente do democratismo e da maçonaria, foram tão ferozes uns como outros, e uns e outros igualmente estupidos.

Instrumentos inconscientes nas mãos de audazes aventureiros sem escrúpulos, julgando defender uma ideia nada mais fizeram do que servir uma ambição e satisfazer um odio.

Sem o menor respeito, sem a menor attenção pelos altos interesses da Patria, cujos destinos se estão talvez, a estas horas jogando, não hesitaram em abater o chefe do Estado que a alta comprehensão dos interesses nacionaes obrigaria a conservar no seu posto, e a cercar das boas vontades de todos aquelles para quem a ideia de authoridade envolve qualquer coisa de mais alto do que a simples possibilidade da satisfação de baixos egoismos, e de appetites grosseiros.

Inconscientes da determinante da sua vontade, nunca se aperceberam que nada mais eram do que braços pertencentes a outros corpos, vontades subjugadas a outras vontades, cerebros cujas vibrações se produzem em outros craneos que não aquelles que contem os seus.

Certamente que os instinctos ferozes que ostentam e demonstram são propriedade authenticamente e incontestavelmente sua; mas incontestavelmente tambem, esses ruins instinctos conservar-se-hiam recalçados no seu intimo se outros individuos de mentalidade mais elevada, e tambem, e principalmente, de instinctos ainda mais perversos, não fossem revol-

ver nas suas entranhas os germens dos maus instinctos e dos maus pensamentos, se não fossem separar o que em cada homem ha de fera do que nelle ha de anjo, e subjeitar o primeiro attributo a uma cuidada cultura que lhe permittisse desenvolver-se ao maximo, e estrangular sem piedade o segundo.

Sim: quem matou o saudoso Presidente, não foi o assassino que está preso, nem o que morreu no logar do delicto, nem o que conseguiu escapar-se, assim como quem matou El-Rei D. Carlos e o Principe Real não foi o Buiça nem o Costa nem nenhum dos seus sequazes—foram os apóstolos da Grande Ideia, os pregado-



res da Liberdade e da Igualdade, os que gritam que a propriedade é um roubo, Deus uma mentira, a religião uma burla, o respeito uma indignidade, a humildade uma baixesa!

Sim, quem matou D. Carlos, quem matou D. Luiz Philippe, quem matou Sidonio Paes, não foram os audazes e ferozes assassinos que os prostraram: foram os que lhes armaram os braços, lhes deram a audacia para a façanha, lhes mataram na consciencia os escrúpulos, lhe afugentaram d'ella a ideia do remorso, com a negação da alta justiça de um Deus omnipotente e infallivel.

Os assassinos não foram as creaturas, corajosas mas boças, que desprezaram

por igual as suas vidas e as alheias: foram todos quantos os desnortearam e perverteram.

Foram Theophylo Braga, Alves da Veiga, Bernardino Machado, Magalhães Lima, Alexandre Braga, Brito Camacho, Affonso Costa, Antonio José, João Chagas e outros como estes, de alma negra e consciencia larga, todos os que maisinaram os actos da monarchia, todos os que foram implacaveis para os seus erros, reaes ou imaginarios, todos os que, uma vez senhores do poder, fizeram d'elle o uso que se viu, em completa contradicção com as suas theorias, com as suas sensuras, com as suas promessas, e sobretudo com os altos interesses da Nação.

A estes, ás suas torvas consciencias, á sua insofrida ambição se deve a morte de todos quantos lh'as tem contrariado ou estorvado, sejam elles simples soldados ou officiaes, ou sejam chefes de Estado.

E afinal para quê? Qual o ideal d'essa gente, que prega a emancipação social? Qual o ideal d'esses apóstolos da Igualdade e da Fraternidade?

Que dementado juizo os leva á convicção de que as suas predicas sobre a felicidade dos povos possam ser aceites, depois de se verificar o que na pratica valem, por outras creaturas que não sejam vulgares bandidos, inimigos de tudo quanto possa representar ordem e disciplina, condições indispensaveis á prosperidade dos Estados?

Que singular loucura lhes permittirá suppor que algum dia, por habilidade ou violencia, poderão alcançar as posições de onde o povo portuguez, sob a direcção do Grande Morto em 5 de Dezembro, os expulsou?

Este acto infame e brutal nada mais é pois, no fundo, do que um acto de bestial vingança, esteril, como é, nas suas consequências para quem o planeou, e funesto para quem o consummou.

A execração publica acompanhará sempre os seus fautores, como a glorificação e o reconhecimento nacionaes acompanharão a memoria do Grande Portuguez que, pelo seu talento, pela sua bondade, pelo seu patriotismo, pelo seu notavel senso politico é uma authentica gloria da Patria.

Na Historia nacional illustra uma pagina tão brilhante que só por si marca uma epocha, tanto mais querida á amavel alma nacional quanto é certo ella representar o relativo bem estar que Portugal poudo gosar no tormentoso periodo da democracia extreme, por elles implantada, e por elles proprios agora destruida.

